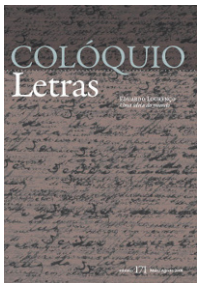

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

O pensamento português, o crítico e a excepção

Roberto Vecchi

Para citar este documento / To cite this document:

Roberto Vecchi, "O pensamento português, o crítico e a excepção", *Colóquio/Letras*, n.º 171, Maio 2009, p. 151-149.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Uma outra história de regressos

EDUARDO LOURENÇO E A CULTURA PORTUGUESA

Margarida Calafate Ribeiro

Para Eduardo Lourenço
Para Helder Macedo

Para mim Portugal acabou.[1]
Acabou-se Moçambique. [2]
Angola deixou de existir. [3]
A Guiné apagou-se. Varreu-se do mapa.[4]

SOU DA PRIMEIRA geração de portugueses da segunda metade do século XX que cresceu em liberdade. A geração que fez o exame da antiga 4.ª classe entoando *Uma gaivota voava, voava,* clamando a sua infantil liberdade e respeitando o tom revolucionário que então se respirava, sem mais Américo Tomás ou Marcello Caetano nas paredes da sala de aula. Cresci e passei a minha adolescência a ouvir o som do rock português bradando que queria ver Portugal na então CEE. Europa, «sonho futuro» anunciado desde 46, por Adolfo Casais Monteiro, era agora o sonho futuro dos jovens dos anos 80, filhos daquela geração que lutou ao longo dos anos 50 e 60 contra a ditadura, a falta de liberdade, a mesmidão do país onde nada acontecia, como dizia Alexandre O'Neill; a mesma geração que teve o azar histórico de participar na grande tragédia da nossa contemporaneidade que foi a Guerra Colonial em África. Enfim, filhos de uma geração de portugueses que nunca regressou, atormentada pelos fantasmas da guerra, eternamente se questionando sobre o que fazer a «este preto que cairá para sempre, a cada segundo, de umbigo roto, no interior de mim...»[5], como se evoca tragicamente na obra de António Lobo Antunes, uma das primeiras vozes literárias dessa geração educada na Mocidade Portuguesa, destruída nos «cus de Judas» africanos, que teve os filhos pela Rádio, sujou as

-se, em reencontrar a sua identidade. A crise portuguesa torna-se, assim, uma forma de ler e discutir a crise geral do continente, atormentado também por uma não coincidência entre a realidade e a sua auto-representação, entre ser e imagem. Portanto, uma vez mais é a excepção que revela o funcionamento da norma.

O débito que todos temos em relação a este pensamento é enorme. Actualmente o «pensamento português», já sem nenhuma pretensão universalizante, pode também ajudar-nos a pensar e a repensar-nos num tempo europeu que se pode constituir unicamente aceitando as tantas alteridades, próprias e impróprias, de histórias e identidades que o fundam. E actualmente também Portugal se pode repensar em relação às minas da sua história e no labirinto da Europa, e fazê-lo sem temor de olhar para os fantasmas — por demasiado tempo insepultos — do passado e para as fantasias de um centro que na verdade só pode sê-lo em função do polimorfismo e da mobilidade dos seus mitos e do seu imaginário. Mas isto, sobretudo, graças à heterodoxia trágica e pensante que aprendemos e que continuamos a aprender desta incomparável Lição.

Texto da Laudatio *proferida na ocasião do doutoramento* honoris causa *atribuído a Eduardo Lourenço pela Universidade de Bolonha a 4 de Dezembro de 2007.*